



O COMERCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão: Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

Continuam chegando até nós referencias muito penhorantes de alguns colegas, por motivo do nosso aniversário.

Entre outros jornais, referiram-se amavelmente ao *Comercio da Ajuda*, «Ecos de Belém», «O Comercio de Viveres», «O Conductor de Automoveis», «Marte» e «A Voz do Sul».

Aos nossos colegas agradecemos as suas boas palavras.

Na América, existe um Club que é conhecido pelo Club dos Carecas, mas o seu verdadeiro titulo, é «Club dos Carecas Americanos».

Vai reunir brevemente na sua 20.ª sessão annual, que comemorará muito solenemente a data da fundação, occupando-se ao mesmo tempo, da luta eleitoral.

Verifica-se pois, que a careca não é sinónimo de fraqueza, pois a prova-lo, está o facto dos 20 anos de existência do Club.

É muito interessante saber-se da sua finalidade que muito pode aproveitar aos «carecas» portugueses (e nós conhecemos tantos, e tam bons rapazes), que muito bem podem seguir o exemplo dos colegas americanos.

O «Club dos Carecas», foi fundado em 1912, com o fim de demonstrar ao mundo, que o homem na sua máxima forma de desenvolvimento, não é um animal pelífero. A sua finalidade é pois em relação aos estatutos: reunir todos os seres humanos que apresentem qualquer manifestação de calvície, numa associação sólida, fraternal, amiga, e espalhar as luminosas verdades seguintes: que os cabelos, não fazem parte dos elementos de felicidade e beleza dos homens — se assim não fôra os selvagens da Ilha Bornéo seriam a inveja de toda a humanidade — e que tanto os cabelos negros como os loiros, são sinal de confiança ou crédito.

Aqui fica pois, o alvitre aos nossos compatriotas, que de certo, aproveitarão.

Com o n.º 726, de 9 do corrente, entrou no 18.º ano de publicação o semanário «A Voz do Sul», de Silves.

Por tal motivo, enviamos-lhe sinceras felicitações.

Deveres e Direitos

As sociedades constituídas por individuos que se agrupam para melhor viverem sobre a Terra, exigem dos seus componentes o cumprimento dos deveres, facultando-lhe também direitos.

Só assim se compreende que se viva em sociedade, isto é, cada um de per si, concorre com o seu esforço para melhorar as condições de vida dos outros, bem como todos concorrem com o seu esforço, para melhorar as condições de vida de cada um.

Assim é que eu compreendo a necessidade do ente humano viver em sociedade, e, julgo que assim o compreendem os primeiros que puzeram em prática o modo actual do viver humano.

No grande laboratório que é a Terra, existem todos os elementos necessários á vida humana, bastando ao homem o trabalho de se aproveitar dêles, não tendo necessidade sequer de criar os alimentos que só necessario seria colher.

É por esta forma de ver as coisas, que eu afirmo perentoriamente que um dos elementos que necessario me é á vida, me deve ser fornecido em condições benévolas e não com aspereza.

Está neste caso a agua, elemento constituído por forma a que nunca se gasta, mas sim se transforma voltando á sua primitiva situação após ter sido bebida ou vaporizada.

Assim pensando eu desta forma, como hei-de concordar com aqueles que pretendem vender a agua, (elemento necessario á vida), não ma fornecendo ou não deixando que eu a procure na terra?

A hulha e a lenha são productos que se transformaram pela acção do fogo em outros productos e é necessario de cada vez ir busca-las mais longe para se obterem, estando talvez perto o fim desses elementos pelo grande consumo que dêles se tem feito.

A agua não; corre pouco mais ou menos há muitos anos pelos mesmos leitos e só grandes cataclismos cosmicos tem feito desviar alguns cursos.

Que sou obrigado a prestar á sociedade, de qualquer forma, o auxilio a que ela tem direito, não resta duvida, mas, também essa sociedade, por intermedio dos seus corpos directivos tem obrigação de me fornecer os elementos necessarios á minha vida.

Pelo esforço fisico, pelo esforço moral e mental, pelo imposto directo e indirecto e em cumprir com o meu dever, deve a Sociedade corresponder-me da mesma forma, não sendo justo um reduzido numero de individuos viver só do esforço de uma Sociedade na aquisição de um dos mais necessarios elementos da vida, visto os deveres e direitos serem para todos iguais.

Viriato Pedro Antunes da Silva.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Num evidente e estranho propósito de agressão, insere o n.º 507 do jornal «O Exercito», saído hontem, o seguinte «eco»:

«A seu pedido, deixou a direcção do «Comercio da Ajuda», que devia APENAS á sua brilhante colaboração a aceitação que tinha, este nosso querido amigo e distinto camarada de redacção».

Não negamos a brilhante colaboração do sr. tenente Rocha. Obscuro, porem, pela sua amizade para com o seu camarada de redacção, esquece «O Exercito» que um jornal de distribuição gratuita, como «O Comercio da Ajuda», tem sempre aceitação, e ignora talvez que antes do sr. tenente Rocha, outros colaboradores não menos brilhantes, como Alfredo Gameiro, Alexandre Settas, Costa Junior, Prof. Lobo de Miranda, drs. Virgilio Paula, Carrilho Xavier, Barbieri Cardoso, Medina de Sousa, etc., impuzeram a aceitação do nosso jornal.

O «eco» em questão resulta pois, numa autentica «bota»...

Noticiam os jornais que, só na Inglaterra, existem 7 milhões de desempregados. O número é aterrador! Mas, mais aterradora deve ser ainda a soma de todos os desempregados espalhados pelo mundo.

A guerra deixou-nos essa terrível doença, e a mais grave, foi a desorganização da maioria das industrias. O desempenho dos vários misteres que os homens se viram forçados a abandonar para seguirem para a frente da batalha, passou a ser desempenhado por mulheres. Quando os homens voltaram da guerra, os seus lugares estavam occupados. E as mulheres continuaram a desempenhar os seus novos misteres e os homens passaram á categoria de desoccupados.

Nos entendemos que o caso tinha solução: bastava que as mulheres voltassem para casa, e os homens para os empregos.

A Sociedade F. Recordação d'Apolo comemora presentemente o seu 37.º aniversário com uma série de festas que se iniciam amanhã. Agradecemos o convite.

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOSVINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

A crise de habitação

VIII

Já aqui nos referimos á construção dos chamados «Bairros Sociais», que muita gente, ao lado da qual nós enfileiramos, considera uma medida de grande alcance económico e social.

O que dissemos a tal respeito, parece ser suficiente para se formar uma opinião segura, sobre a quem cabem as responsabilidades de êsses bairros não estarem ainda em condições de serem habitados, facto que muito tem concorrido para que as rendas das casas se mantenham ainda caríssimas, e, por consequência, incomportáveis com as possibilidades monetárias das classes menos favorecidas.

As causas da não conclusão dos «Bairros Sociais» tem sido várias, a maioria das quais tem vindo já a lume, e nós devemos acrescentar a essas, o facto de se tentar a construção do Bairro da Ajuda, sem os restantes estarem concluídos. De maneira que, nem uns nem outros estão, presentemente, em condições de começarem a ser habitados.

* * *

A «febre» das construções que durante anos atacou muita gente bonita, baixou nos últimos tempos mas, presentemente, está verificado que esta «temperatura» tem tendências a subir novamente, e oxalá que ela efectivamente suba.

Porém, é preciso que se exerça uma fiscalização rigorosa em todas as construções que se estejam fazendo, ou se venha a fazer, de molde a

que elas satisfaçam a todos os requisitos indispensáveis, para lá se meterem vivos humanos. E assim, as pias de despejo, não podem ficar colocadas no interior da habitação; outro tanto deve suceder às retretes, as quais devem estar apetrechadas com o competente autoclismo; e não se deve perder de vista que, constitue uma necessidade absoluta, a existencia de uma casa de banho, pequena que seja.

Tem-se abusado muito em construir-se casas para habitação de gente humilde, fugindo-lhes com tudo, su quasi tudo, quanto cheire a comodidades.

Ora isto é que não pode continuar de maneira nenhuma, competindo a quem de direito, reprimir severamente tais abusos, indo até, se tanto for necessário, ao embargo das obras.

Ora isto é que não pode continuar de maneira nenhuma, competindo a quem de direito, a reprimir severamente tais abusos, indo até, se tanto for necessário, ao embargo das obras.

Que se intensifique as construções para resolver a tremenda crise de habitação, está certo, e só aplausos deve merecer tais empreendimentos.

Mas, que se não permita a construção de casas que não satisfaçam aos necessários requisitos de hygiene e tão pouco essas gaiolas infames que, apesar do seu aspecto agradável, não passam de autenticas ratoeiras que põem em perigo constante os seus moradores, e os seus haveres, adquiridos à custa de pesados sacrificios.

*Agostinho Antonio.***Novo Director**

Tendo a seu pedido deixado de exercer o cargo de Director de «O Comércio da Ajuda» o nosso amigo e distinto jornalista sr. Antonio Gomes Rocha, e não tendo nós conseguido remove-lo do seu intento, o que bastante nos penalizou, vimonos obrigados a solicitar do nosso também amigo Alexandre Rosado da Conceição, para exercer aquelas funções, tendo-nos custado imenso a conseguir a sua aquiescencia.

Alexandre Rosado da Conceição é pois o Director de «O Comércio da Ajuda», a quem já muito deve o nosso modesto jornal, e a quem desejamos seja fácil esta missão ingrata, ingloria e não remunerada.

O seu elogio não o podem nem devem fazer estes seus amigos.

Página infantil

Vai ser criada, no nosso jornal, uma página para os «miudos», devendo, já no próximo número, sair a primeira.

O director e colaboradores ainda não apresentaram o seu programa, que promete surpresas.

Esperamos, com este melhoramento, interessar um maior numero de leitores do nosso jornal, e concorrer para a educação moral dos pequeninos.

Trabalhem todos

Convidado pelos proprietarios e por um dos seus redactores para assumir a Direcção de «O Comércio da Ajuda», acedi, embora reconhecendo que me falta a competência para arcar com tal responsabilidade.

Não se convenceram êsses amigos com a exposição que lhes fiz, e outro remédio não tive, que não fosse o de capitular.

Eis-me portanto na brecha, animado da melhor vontade, na defeza dos interesses da freguesia, que tam abandonada tem sido.

Todas as pessoas, desde que venham animadas de boa-fé e pondo de parte questões pessoais e possíveis ressentimentos, podem colaborar nesta folha, que será de todos e para todos.

Dito isto, façamos quanto em nossas forças caiba, para que os habitantes da freguesia da Ajuda, esqueçam quaisquer agravos que tenham entre si e se unam num abraço fraternal, para que a nossa freguesia, que tantos encantos naturais encerra, se torne um cantinho invejável.

Aos redactores, colaboradores e anunciantes, felicito pela grande persistência, de que têm dado sobejas provas.

E agora, mãos á obra. Trabalhem todos.

*Alexandre Rosado.***Á Carris de Ferro**

Muitas pessoas se nos têm queixado várias vezes, pelo facto de, quando os carros da Calçada chegam ao Largo da Boa Hora, serem convidadas pelo expedidor a fazer trasbordo para outro carro, que tambem se dirige para a Calçada da Ajuda. Ora, não achamos próprio tal procedimento da poderosa companhia para com o público, visto que tal representa, pelo menos, incomodo, quando não é uma batega de água, em ocasiões de chuva, como tambem já observámos.

Esperamos que tal anomalia, não volte a repetir-se.

Santos & Brandão
CONSTRUCTORES

Serralharia — Forjas — Caldeiraria — Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco) — Telef. B. 207

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal póde sêr adquirido gratuitamente :

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA
TELEFONE BELEM 520

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Successor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 56

Pérola do Cruzeiro

DE

JOÃO DE DEUS RAMOS

Gêneros alimentícios de primeira qualidade
Especialidade em chá e café — Vinhos finos, do Porto e de pasto
Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — AJUDA

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carroças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

Drogaria e Perfumaria

DE

ANTONIO MORAIS DOS SANTOS

Drogas, tintas e vernizes

Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELEM 220

AGENCIA FUNERARIA

DE

António Serapião Migueis

Calçada da Bôa-Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

SECÇÃO POÉTICA

TORPEZAS DA VIDA

Mentiras cavilosas de poltrões,
Mentiras infamantes de traidores,
Mentiras que amarfanham corações,
Mentiras que originam tantas dôres!

Calúnias tiranas dum covardo,
Calúnias mesquinhas de megêra,
Calúnias bolçadas com alarde,
Calúnias de gente de má s'fera!

Intrigas irritantes das rameiras,
Intrigas praticadas por soldados,
Intrigas de convento entre más freiras,
Intrigas que se criam por pecados!

Afrontas de quem tem preversidade,
Afrontas que nos picam quais navalhas,
Afrontas repelentes de maldade,
Afrontas recebidas das gentilhas!

Tristezas que se passam neste mundo,
Tristezas de ouvir o que é mentira,
Tristezas de enojar um ser imundo,
Tristezas que nos dão acessos de ira!

Mas quem sofrer dos laivos causticantes
Da cáfila que goza só da ofensa,
Despreze com firmeza ôsses tratantes
E vote-lhes altiva indiferença!

Alexandre Settas.

Travessa da Boa Hora

Senão hoje uma das de maior movimento de peões, pois as pessoas residentes na Calçada da Ajuda, Memória, Alcolena, etc., por ela transitam para tomar o eléctrico na Boa-Hora, está intransitável, não tendo passeios laterais, e quando chove é peor do que qualquer caminho deapé postas.

A Ex.^{ma} Camara Municipal osamos pedir as necessárias providências, visto sêr necessário haver ruas em que se possa transitar.

Instrução Primária

Temos presente o último número do nosso colega «Ecos de Belém», em que proficientemente se debate o problema da instrução primária naquela freguesia, e em que se pede a criação de mais uma Escola oficial.

Já quando terminou o ano lectivo findo, demonstrámos a necessidade da criação de mais escolas officiais na freguesia da Ajuda, uma das maiores de Lisboa em área e população, pois, segundo as informações que temos, bastantes crianças ficam sem se poder matricular, visto os pais não terem meios suficientes para se socorrerem do ensino particular, e as escolas proteccionadas por associações de beneficencia particular, que algo de bom já teem feito, não poderem alargar a sua esfera de acção.

Tem de se atender a que, na época actual, se devem preparar os futuros componentes da sociedade, convenientemente, de forma a que elles ou os seus descendentes não digam dos homens de hoje, que por egoismo e comodismo, não cumpriram com o seu dever.

Quando a legislação protectora de qualquer instituição exige habilitações literárias aos seus obreiros, como se comprehende que não seja obrigatório o ensino primário na época escolar?

Quando os países que recebem emigrantes de Portugal exigem áqueles que para lá vão, que saibam lêr e escrever, como se comprehende que nós não-lhe demos a instrução primária?

A França conseguiu acabar com o

PENSAMENTOS E SENTENÇAS A ESM^o
mas apresentados sem intenção dogmática

DOS MEUS APONTAMENTOS,
por Alexandre Settas

A distracção do espirito é tão necessária á vida como o alimento. O que se deve é escolher criteriosamente a maneira de cada um se recrear, repousando simultaneamente os sentidos das apreensões da existencia, e nunca distrair-se descuidadamente sem a noção real do beneficio que vai colher.

Por muito amor que uma mulher vote a um homem, deve ser sempre fugidia e esquiva, porquanto nem todos comprehendem essa força misteriosa que a impele para os braços da pessoa amada.

Tomar o fatalismo da vida como justificação absolutória das nossas fraquezas, não passa do desejo de nos esquivarmos ao dever moral de reagir contra as asperezas da vida.

Que força irresistivel será essa que aproxima duas criaturas indifferentes até se tornarem reciprocamente simpáticas?

Os grandes empreendimentos, por mais colossais que sejam, nunca podem ser levados a cabo sem o auxilio dos elementos mais insignificantes.

analfabetismo, tornando o ensino obrigatório, o criando, na mais pequena aldeia, a indispensável escola primária. Faça-se o mesmo em Portugal.

Para se exigir o cumprimento do dever aos outros, cumprê-nos, primeiro, preparar o terreno.

Ensino primário obrigatório e gratuito, é o que se torna necessário.

Sem se fazer isto, não podemos pensar em pôr-nos ao lado dos povos civilizados, mas sim nos aproximamos mais dos habitantes das selvas.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 553 (antiga Merceria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

Além dos templos que mencionámos no nosso anterior artigo, devemos citar também a capela do cemitério da Ajuda, aproveitando o ensejo para dar uma rápida notícia do lugar onde tantos filhos dilectos da freguesia dormem o derradeiro sono.

A Ajuda de outros tempos

Foi a rainha D. Maria I quem, ce-

sendo às instâncias do prior em exercício nessa época, o padre Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo, ordenou a construção do cemitério, junto à cruz chamada antigamente «das Sardinheiras», e no princípio da calçada que desce para a Memória.

Custeada toda a despesa pelo bolso da mesma rainha, foram os alieceres da obra começados no ano de 1766, dando-se o cemitério por concluído em Abril de 1787, e sendo benzido em 13 de Maio do mesmo ano.

A título de curiosidade, podemos acrescentar que o primeiro cadáver ali sepultado, quatro dias depois, foi o de Maria Dias, viúva de Francisco de Magalhães.

Vários monarcas escolheram para

sua residência a freguesia da Ajuda. Assim, Filipe II adquiriu o antigo palácio de Alcantara, ou do Calvário, que depois foi também habitado por D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II.

Neste palácio celebrou D. Pedro II, em 1668, o seu consórcio com D. Maria Francisca de Sabóia, e nele veio a falecer em 1706.

A Quinta da Ninfa, cujo terreno foi incluído no destinado à tapada, fazia parte deste edifício que, em época posterior, serviu durante algum tempo de depósito de coches reais.

D. João V comprou aos Condes de Aveiras, em 1726, por 200.000 cruzados, o palácio de Belém, com a grande quinta que lhe estava adstrita. E tendo igualmente adquirido outra quinta contígua, pertença do Conde de S. Lourenço, deu à primeira o nome de Quinta de Baixo e a esta o de Quinta do Meio. Outra, em plano superior, onde mais tarde foi levantado o palácio mandado construir por D. José, chamou-se então Quinta de Cima.

Foi portanto o palácio de Belém residência de D. João V, que nele fez ostentação da sua vaidade e da opulência de que a corte se rodeava, mercê das riquezas trazidas nessa ocasião das terras do Brazil.

D. Maria II também escolheu este palácio para régia moradia e mais tarde nele habitou o rei D. Carlos.

O Museu dos Coches, actualmente incorporado neste palácio, encontra-se instalado no antigo picadeiro do paço, que o rei D. José mandou construir sob um plano do architecto Giacomo Azzolini, e cuja edificação só no reinado de D. João VI foi definitivamente concluída.

Em 1755 improvisaram-se no alto da Ajuda as casas onde a família real se refugiou, amedrontada pelo cataclismo que deitara a terra os Paços da Ribeira, e transformara Lisboa num montão de ruínas. Simples barracas de lona, forradas todavia de ricas tapeçarias, pouco a pouco se foram transformando no Palácio Velho, a que por vezes nos temos referido, com os seus amplos casarões e vários pátios — o das Cosinhas, o das Damas Castelhanas e o da Opera — de que ainda hoje alguns restos existem. Nesse palácio habitou D. José até a sua morte, em 1777.

Por fim, D. Maria I ordenou a construção do actual palácio, cujo plano, por demasiadamente grandioso, não chegou a ser levado a efeito por completo, e que o rei D. Luis, por ocasião do seu casamento com D. Maria Pia, em 1862, escolheu para paço real.

A assistência de pessoas reinantes

Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefone B. 329

Consultas médicas diárias

pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

Carrilho Xavier às 10 horas

Medina de Sousa às 17 horas

Serviço nocturno às sextas-feiras

A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como: livros á antiga, amador e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Armam-se pastas de fantasia e bordadas

Envernizam-se mapas

na Ajuda deu lugar a que muitos fidalgos estabelecesse neste bairro as suas moradias, e por isso numerosos palácios e casas nobres se edificaram, uns ainda hoje de pé, outros de que apenas existem vestígios.

Ficaram na história algumas cenas desenroladas nos amplos salões desses fastuosos palácios, onde a galantaria cortezã encobria por vezes uma política mesquinha e ruim, e diz-nos a tradição que os senhores de tão nobres casas disputavam primazias no luxo e brilhantismo das festas com que deslumbravam os seus convidados.

Ainda hoje são citadas, como exemplo dessas maravilhosas festas, as que os Condes da Junqueira promoviam na chamada Quinta das Aguias, onde, em aparatosas cavalladas e outros torneios, os nobres ostentavam ricos e luxuosos trajes, e, montando soberbos cavalos das mais apuradas raças, primavam pela destreza e faziam gala da sua galhardia.

Foi nesta Quinta das Aguias que, mais tarde, Diogo de Mendonça Corte Real, ministro de D. José, mandou edificar uma casa nobre e a capela de Nossa Senhora da Anunciação, que já citámos.

Notáveis pelo brilhantismo eram também os festivais celebrados no palácio dos Condes da Ega, onde se reunia tudo que de mais distinto havia na fidalguia portuguesa. Foi

neste palácio que esteve alojado, durante a sua estada em Lisboa, o general Junot, o célebre comandante da primeira invasão francesa, em 1807.

Tão mérito na conquista de corações femininos, como nas batalhas em que se evidenciara um audaz capitão de guerra, o predilecto general de Napoleão, que assistia com indiferença aos saques e violências monstruosas com que a soldadesca do seu comando torturava o país invadido, mostrava-se submisso e rendido aos encantos da Condessa da Ega, que lhe caía nos braços loucamente enamorada. Deslumbrou-a decerto a fama de grande conquistador de que vinha cercado o nome do seu hóspede. E tão presa se sentia dessa devoradora paixão, que não hesitou em seguir para França o seu amante, quando, depois de vencido na Rolica e no Vimieiro, o famoso general se viu obrigado a assinar a convenção de Sintra e a abandonar Portugal.

Falámos dos torneios e cavalladas, que em tempos constituiram um dos mais predilectos passatempos de nobres e cavaleiros, e julgamos não errar se dissermos que, de entre todos eles, as corridas de touros eram o divertimento preferido, e que mais ligado andava ás tradições de coragem e intrepidez da fidalguia portuguesa.

Por isso a Ajuda, que era, por assim dizer, um verdadeiro burgo

fidalgos, visto que nele habitavam tantas famílias da mais alta nobreza, também teve a sua praça de touros, no sitio do Giestal, um pouco acima do palácio dos Condes da Ega, a que atrás nos referimos.

E o povo, ávido de comocões, o povo que nesses tempos demonstrava uma irreprimível simpatia pelo emocionante espectáculo das touradas, acorria a presenciar entusiasmado os arriscados lances em que a arte e a agilidade do homem conseguiam dominar e vencer a força bruta da fera.

Ao escrevermos estas linhas, sinceramente confessamos que a lembrança dum pungente contraste fere profundamente a nossa sensibilidade.

E' que enquanto o povo delirava perante o arrôjo dos picadores, ou ria e folgava nos divertimentos da sua feição; ao passo que uma parte da nobreza estadeava nas ruas da Ajuda a magnificência das suas equipagens, nos salões dourados, preciosos e peralvilhos se entregavam ao prazer dos requebrados minuetes; ali perto, nas lóbregas prisões do forte da Junqueira, alguns plebeus e numerosos fidalgos, apodreciam á ordem despótica dos que exerciam o mando supremo da nação. Nas escuras casamatas que as águas inundavam nas horas da preiar, jaziam encarcerados muitos cujo crime, afinal, se resumia quasi sempre na

(Conclui na página 7)

então senti? Porque seria que o meu coração latia mais apressado? Será verdade existir a vos do coração?... Mas, não apressemos. A embarcação foi deslizando mansamente, ao sabor da corrente, até que a vos se sumiu de todo. Ainda por algum tempo fiquei absorto, em profunda meditação, contemplantando ao longe a minúscula sombra daquele barco que me parecia uma visão...

Finalmente a conversa reatou-se e... tudo esqueceu, assim como tudo esquece neste mundo.

Dias depois fui ao teatro e, num dos intervalos, levantei-me do meu *fauteuil*, e examinava, com a ajuda do meu binóculo, as *toilettes* garridas das senhoras, quando, num camarote do 1.^o ordem, divisei um rosto que me parecia conhecido. Fiz-lhe um cumprimento amigável ao qual correspondeu, fazendo-me em seguida um outro que me convidava a ir falar-lhe.

Quando cheguei á porta desse camarote já ela me esperava e, depois de nos cumprimentar-nos afectuosamente, convidou-me a tomar lugar junto de si.

Ela nada dizia, parecendo absorta nos seus pensamentos; porém eu, não pude por mais tempo conservar-me em silêncio e perguntei-lhe:

— Poder-me-há explicar, Alda, como veio para Lisboa? Creia que nunca mais julguei vê-la... E seu marido? Porque não a acompanhou ele ao teatro?

Ela olhou-me com uma expressão equívoca que tanto podia ser de tristeza como de admiração e, com enigmático sorriso nos lábios respondeu-me:

— Eu não sou casada, meu amigo!... Sou livre e so no mundo!

— Que me diz, Alda!? Acaso enviuvou já?

— Como poderia enviivar se ainda não casei? — ?!

— Eu vos contarei, meu amigo; agora continuemos a apreciar a peça que já subiu o pano!... Depois teremos tempo...

Aquele acto pareceu-me imenso e aborrecido e quando o pano desceu respirei de alívio.

Chegámos á rua e ela, caminhando a meu lado, ia dizendo:

— Vem, Aurelio; Vamos a pé até que passe um taxi, porque moro distante e tu certamente te aborrecerias.

La protestar mas, neste momento, passou junto de nós um auto que Alda fez parar, o qual, depois de entrarmos, rodou sem esperar qualquer ordem.

Tudo isto me parecia extraordinário e perguntava a mim mesmo o que seria aquela mulher que eu conhecera pobre. O meu coração debruçou-me; porém eu não quiz dar-lhe crédito...

Finalmente o auto parou e ela, mais leve do que eu, abriu a portinhola e desceu. Entré em sua casa, mobilada com requintado bom gosto e, depois de me fazer sentar, arrastou uma cadeira e imitou-me.

Ainda algum tempo fiquei silenciosa, contemplantando-me, até que por fim comecei assim:

— Tenho lembrado mil vezes o meu passado e nada, ao recordá-lo, me entristece tanto como a lembrança do teu amor por mim! Lembra-te ainda?

— Não falemos do passado, que desejo esquecer! Falai antes no presente.

— Não, meu amigo! Deixa-me continuar! Quero contar-te o quanto tenho sofrido em castigo de tanto mal que te causei! Como sabes, quando tu me amavas, outro havia que também me tinha declarado o seu amor. Não tendo uma mãe que me aconselhasse perguntava, a mim mesma, qual deveria preferir. O meu coração inclinava-se

para ti; mas a minha louca vaidade dizia-me que era o outro, porque era rico, que eu devia aceitar!...

— Eu amava-te tanto que se tu tivesses dito uma só palavra... a minha honra seria tua. Oh! não podes imaginar a perturbação que causa na alma duma mulher que, embora pobre, sempre viveu honestamente, estimada e venerada, a ideia de que um homem é senhor da sua honra e que lhe basta fazer um gesto, deixar cair sobre ela um olhar, para que ela se lhe lance nos braços!...

Quiz fugir da tua influência porque eras pobre e, por essa razão declarei que não te amava!... Perdoar-me-hás algum dia?

Fiz por te esquecer e nunca o consegui; mas a minha vaidade podia mais que o meu amor por ti e entreguei-me nos braços do outro, só porque ele era rico!

— E... não casou? perguntei-lhe.

— Não, meu amigo. Quando nisso lhe falei, respondeu-me que só para amante lhe convinha e que nunca casaria!

Não podes calcular o que então sofri com esta desilusão! Com que remorso me lembrava das palavras de recusa que te tinhas dito...

Abandonei-o imediatamente e vim para Lisboa na certeza de que aqui esconderia mais facilmente a minha desonra. Habitada como estava a não passar necessidades, juntei-me com outras que me induziram a que me vendesse, e assim fiz! Hoje não há *dandy* que me não conheça. Chamam-me diversos nomes sem que, contudo, saibam o verdadeiro.

Eu não queria aparecer-te porque tinha a certeza de que te causaria tristeza veres-me neste estado e, se o fiz, foi porque tenho a convicção de que não serei muito tempo deste mundo, porque uma doença atrás que dia a dia me vai minando, muito breve me arrancará á vida e assim desaparecerei para sempre, debaixo dum bocado de terra, á sombra dum magente lírio...

Faz-me bem dizer tudo isto e, já agora, vou até

final: Ainda há dias passei, numa embarcação, junto ao teu navio, cantando o fado! Não ouviste?

— Ouvi sim e pareceu-me até reconhecer aquela vós, porém, não pude lembrar-me...

— Era eu, meu amigo! Sabia que estavas ali, e, por essa razão ali fui... Bem vez que pensava em ti!

Seria imensamente feliz se hoje fosse ainda honesta e pura e te pudesse dizer: — Eis-me tua para toda a vida! Seria para ti o que quizeses: tua amante, tua escrava e, se o quizeses, tua mulher!

E' tarde Aurelio, muito tarde!... Não sou digna do teu amor... de ti só mereço desprezo!

Se te constar a minha morte, acompanha-me á última morada porque foste o único amigo sincero que tive no mundo. Adeus! Vai e lastima-me porque sou muito desgraçada...

Sai daquela casa verdadeiramente contristado. Passados alguns meses li nos jornais a sua morte. Acompanhei o corpo até ao túmulo, e depuz sobre o caixão, um humilde ramo de flores do campo...

Foi como o último adeus a mulher amada que a vaidade arrebatou.

Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

Rua das Mercês, 118 a 128

AJUDA — LISBOA

Favorita Ajudense

DE

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fânqueiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravalaria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. das Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA Telef. B. 552

Casa do Povo da Ajuda

DE
LUIZ ANTONIO DA LUZ

Artigos de retrozaria, roupas brancas para homem, senhora e creança, e muitos outros artigos a preços módicos

115, Calçada da Ajuda, 115 — LISBOA

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GÊNEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

CERAMICA DE ARCOLENA

DE
J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os licns

VINHOS DE CHELEIROS

encontraveis tambem um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, a preços rascaveis

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA - Todos os dias ás 4 horas da tarde
PEDRO DE FARIA - Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA - 4.^{as} feiras ás 9 h JULIO CARVALHO - 3.^{as} feiras ás 9 h.
FRANCISCO DE ALMEIDA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno ás quartas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telefone B. 456

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

LISBOA

Gêneros alimenticios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

ATENÇÃO!

FATOS

fazem-se desde 135\$00 a 140\$00, com perfeição e pontualidade, e a 130\$00, com forros especiais, na officina de

ANTÓNIO DO ESPIRITO SANTO JR

(ANTÓNIO ALFAIATE)

Rua do Cruzeiro (á Ajuda), 97, 2.º, D.

A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

Calçada da Ajuda, 212 a 216

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Calçada da Tapada, 47 a 53

Largo 20 de Abril Calvário, 1

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,
onde serão atendidos com a máxima urgência

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade

DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97—LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

DESPORTOS

Considerações a abrir

O que se entende por desporto? Lá diz o velho anexam «cada cabeça, cada sentença», a justificar a diversidade de opiniões existente.

Despôrto é exercicio tendente a preparar, aperfeiçoar o corpo; mas, mais completa é a definição que Muller dá: gymnástica é o exercicio tendente a aperfeiçoar fisicamente o indivíduo; desporto é qualquer jogo ou exercicio no qual se tem em mira fazer mais ou melhor que o adversário».

É claro que se fala quasi geralmente no exercicio físico; mas não haverá também gymnástica ou desporto cerebral? Citarei como argumento o facto de em certos jogos olímpicos se fazerem representar jogadores de xadrez. Porém, como differençar a gymnástica do desporto cerebral?

Um outro exercicio, considerado como despôrto, por sinal muito conceituado — o tiro, — não me parece superior ao xadrez como manifestação desportiva. Há indivíduos dotados de certa habilidade a atirar, assim como os ha com geito para a tempo fazerem cheque mate. O aperfeiçoamento físico que da prática do tiro resulta parece muito discutível.

E, a propósito, lembra-me uma anedota que há um bom par de anos o *Miroir des Sports* publicou como autêntica e a qual tem um certo chiste:

A bordo dum qualquer navio de guerra havia um certo período de tempo destinado a exercicios desportivos. Pois o comandante foi encontrar, um belo dia, dois marinheiros a jogar as damas.

—Então o que vem a ser isso?

—Estamos no nosso quarto de exercicios, meu comandante.

E, à face da lógica, tinham razão os dois bravos *matelots*. Não concorda com êles, leitôr?

Lucas Jr.

Falta de espaço

Por êste motivo somos forçados a roter vário original, entre êle o habitual artigo do nosso pr-sado colaborador Ex.^{mo} Sr. Coronel Bivar de Sousa, e um interessante conto do novo colaborador Ex.^{mo} Sr. Manuel Silva.

José Manuel Soares (Pepe)

Faz na próxima segunda-feira um ano que faleceu êste joven e popular jogador de football, cujo virtuosismo jámais foi igualado por jogadores portuguezes.

As suas belas qualidades de carácter impunham-no á estima de todos que com êle conviviam, conquistando rapidamente as simpatias de todos. A atestá-lo está a grandiosidade do seu funeral, que constituiu uma das maiores manifestações de pesar dos ultimos tempos.

O C. F. Belenenses, a que José Manuel Soares pertencia, efectua na segunda-feira uma romagem, junto da sua sepultura, no cemiterio da Ajuda.

A Grafica Ajudense editou uma artistica estampa de José Manuel Soares (Pepe) para vender ao preço de 2\$50, revertendo 50% da receita bruta para o fundo do monumento destinado a perpetuar a memoria do grande jogador internacional.

Menino Antonio S. M. Bahuto Felix

Faleceu no dia 12 do corrente, na sua residencia, depois de ter transitado pelo banco do Hospital de S. José — onde fôra receber curativo de vários ferimentos graves que recebeu em consequência de um desastre sofrido quando descia dum eléctrico — o menino António da Silva Midosi Bahuto Felix, de 11 anos, extremo filho da Sr.^a D. Sara da Silva Bahuto Felix e sobrinho do nosso amigo sr. Viriato Pedro A. Silva, redactor principal de «O Comércio da Ajuda».

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte com numeroso acompanhamento, constituiu uma grande manifestação de pesar.

«O Comércio da Ajuda» apresenta á familia enlutada a expressão do seu sentir pelo brutal acontecimento.

Viriato Pedro Antunes da Silva, redactor principal d'êste jornal, na impossibilidade de poder fazê-lo pessoalmente, por desconhecer muitas moradas de pessoas que lhe manifestaram a expressão do seu sentimento pelo rude golpe que acaba de sofrer, vem em nome de sua irmã, Sara da Silva Bahuto Felix e suas filhas, no de seus irmãos e em seu nome, agradecer reconhecidamente todas as provas de consideração e condolências que lhe foram tributadas pelo falecimento do sandoso António da Silva Midosi Bahuto Felix.

UMA CRÓNICA

O vicio na feição teatral

O nosso povo, que é, na sua generalidade, de costumes normais, nunca poderá justificadamente suportar as referências aviltantes que estigmatizam os habitos corruptos mas isolados, dum infima parcela de indivíduos de morbidez fisiológica, que marcam certas afinidades, tendências ou conluios com os tristes herois da pederastia.

¿Porque motivo, então, sistematicamente se exibem nos teatros de revista, caricatas personagens que negam ao sexo a que pertencemos a força máscula que nos caracteriza e enobrece, amesquinhando representativamente a nossa sociedade, pelos casos espúrios que acaso nela se contem?

Anulem os revisteiros, por insignificantes, impróprias e sédiças, essas rábulas que deprimem o bom nome dum povo digno de respeito e que vexam pela incongruência do que simbolisa quem as observa no seu mais artificioso composto, ou exacto ridiculo, e melhores créditos hão de lograr pelo trabalho que apresentem.

Evitar essas representações escalpeisadoras do mucos social seria o início do que o teatro tem por dever expurgar das suas cénas, para se tornar em absoluto agradável, atraente e correcto.

Saber substituir êsses números com vivida realidade seria, então, cumprir o patriótico dever de mostrar aos coêvos que a geração dos herois que ainda ha poucos anos em terras de França, afirmou duplamente o valor da sua casta, não está depauperada nem enveredou por trilhos a que foram estranhos os nossos antepassados que deram novos mundos ao Mundo e se fizeram reproduzir, honrando assim com a máxima de Cristo o bom nome de Portugal.

Alexandre Settas.

A AJUDA DE OUTROS TEMPOS

(Continuado da pag. 5)

revolta contra a opressão tirânica dos grandes magnates ou no protesto que fastigava os abusos e depredações de funcionários prevaricadores.

No reinado de D. José o forte da Junqueira regorgitava de padecentes. Ali sofreram a dureza dum cruel reclusão, entre muitos outros, o Marquês de Alorna, o 2.^o Conde de S. Lourenço e os quatro irmãos do Marquês de Távora.

Alfredo Gameiro.

Salão Portugal

CINEMA SONORO

DOMINGO, 23 — Às 21 horas

A MULHER X VIDA NOCTURNA

Falado em hespanhol com Bucha e Estica

NA MATINÉE, às 2 horas da tarde

Uma Aventura na China — O Capitão Salvador — Vida Nocturna

MATINÉES TODOS OS DOMINGOS

A partir do dia 1 de Novembro, inclusivê, os espectaculos terão principio ás 8 horas da noite, repetindo-se no fim al os filmes de abertura, de maneira que os espectadores que entrem ás 21,15 possam vêr o programa completo, e os que entram ás 20 possam sair, se assim o desejarem, ás 23 horas.

Emprezário J. NICOLAU VERISSIMO

Travessa da Memória — Ajuda

TELEFONE BELEM 124

Dia 24 — TRAIÇÃO e PRECISA-SE DUMA DANSARINA
Dias 26 e 27 — A CULPA É DO BIBI e o filme mudo S O.S.
Dias 29 e 30 — FANTOMAS e FALSO TESTEMUNHO
Na Matinée do dia 30 — O COBARDE, NAVIO FANTASMA e FALSO TESTEMUNHO

Dias 31 e 1 de Novembro — Os filmes sonoros ANNY NO PARAIZO e O HOMEM FANTASMA

Dia 2 — A SEVERA, A PEQUENA PARADA e O ESCANDALO DE BADEN-BADEN

A seguir — Estreia dos melhores filmes desta época BREVEMENTE — TRADER HORN, LUZES DA CIDADE, O REI DA PANDEGA, etc.

Marcações pelo Telefone Belém 124

A melhor instalação sonora dos cinemas da parte ocidental de Lisboa

Beneficencia Particular

Para os pobres protegidos pelo nosso jornal, recebemos, de Junho a Setembro, os seguintes, donativos:

A. D. Resina (Herdeiros)	40\$00
João Alves	60\$00
Alfredo Duarte Resina	40\$00
Luiz Antonio da Luz	40\$00
Victor Manuel R. Resina	40\$00
Gráfica Ajudense	35\$00
Roberto Rodrigues	20\$00
Carlos de Sousa	40\$00
Maria Alice R. Resina	20\$00
José Nicolau Verissimo	60\$00
Felmina Resina	120\$00
M. P. M.	5\$00
Carolina Resina	20\$00
Viuva de José Antonio	30\$00
Francisco Duarte Resina	186\$00
Grupo «Fixes e Garantidos»	39\$00
» «Salve-se quem puder»	5\$00
Soma	800\$00

Estes donativos foram assim distribuidos:

F. J. B., 120\$00; Boaventura de Carvalho, Rua das Mercês 131, 20\$00; José da Assunção, T. do Chafariz 9, 20\$00; Maria José Vaz, Rua Aliança Operaria 92 r/c D., 20\$00; Abilio Mendes, Pateo Seabra, 20\$00; José Fernandes, T. da Ajuda 8-1.ª, 20\$00; Emilia de Oliveira, R. Cruzeiro 91, 20\$00; José Ferreira, Moinho do Casalinho, 10\$00; Abilio Coimbra, Ilha Parda, 10\$00; António Fernandes, Vila Tagana, 10\$00; Beatriz da Conceição, Casal do Doutor, 10\$00; Antonio Ribeiro, Caramão da Ajuda, 10\$00; Antonio dos Santos, Olival Heitor, 10\$00; Carolina da Conceição, Casal Pedro Teixeira, 10\$00; Feliciano Sabino, Casalinho d'Ajuda, 10\$00; José Esteves, Casal dos Gafanhotos, 10\$00; José Pereira Feliciano, Ilha Parda, 10\$00; José Braz, Cruz das Oliveiras, 10\$00; João Pereira, Caselas, 10\$00; José da Silva, Casal Pedro Teixeira, 10\$00; José A. Fernandes, Ilha Amarela, 10\$00; José Bernardo, Moinho dos Gafanhotos, 10\$00; Maria Lúzia, Casal da Ratazana, 10\$00; Maria Baptista, Moinho dos Gafanhotos, 10\$00; Manuel Marques, Casal do Doutor, 10\$00; Maria de Loures; Casal Pedro Teixeira, 10\$00; Maria de Carvalho, Montes Claros, 10\$00; Maria Carmo Santos, Vila Amarela, 10\$00; Paulo Santos, Rocha do Rio Seco, 10\$00; Rosaria Santos, Vila Tagana, 10\$00; Virginia Rosa da Silva, Ilha Amarela, 10\$00; Maria dos Santos, Predio Varino, 10\$00; Olimpia da Conceição, C. Pedro Teixeira, 10\$00; Antonio Augusto Guerreiro, C. Boa-Hora, 27, 10\$00; Maria Augusta, C. Pedro Teixeira, 10\$00; Arnaldo da Silva, T. João Alves, 19, 10\$00; Piedade de Jesus, C. Pedro Teixeira, 10\$00; Alfredo Nunes, C. Mirante, 38, 10\$00; Herminia Gomes, C. Pedro Teixeira, 10\$00; Beatriz R. Lima, C. Boa-Hora, 88, 10\$00; Emilia A. Barros, R. Cruzeiro, 104, 10\$00; Elvira da

Club de Football "Os Belenenses"

Encontra-se em festa este florescente e simpatico club desportivo, por motivo da passagem do seu 13.º aniversario.

Para comemorar condignamente tão importante acontecimento para a vida do Belenenses, organizou uma Comissão de Socios um excelente programa de festas, a realizar na semana que decorre, o qual tem sido brilhantemente cumprido.

Hoje, no Campo José Manuel Soares, efectua-se, ás 16 horas, um desafio de football entre o team Reserva e a 2.ª categoria do Belenenses.

A's 21,30 horas, efectua-se na séde do Belém-Club, Calçada da Ajuda, 76, um interessante festival que começará por uma conferencia pelo sr. Raul de Oliveira, director do jornal «Os Sports» seguindo-se uma sessão de gymnastica pelo Gimnasio Club Português e terminará por um baile abrilhantado a orquestra-jazz.

Amanhã, domingo, ás 9 horas, efectuar-se-ha a Travessia, a nado, inter-clubs, do Terreiro do Paço a Belém.

No Campo José Manuel Soares, ás 14 horas, Atletismo entre secções do C. F. B. Grandiosa Parada Atletica.

Inauguração do monumento ao malogrado jogador do Club, José Manuel Saares (Pepe).

A's 15,30 horas, desafio de football entre os teams de honra do C. F. Belenenses e do Carcavelinhos.

Terça-feira, 25, jantar de confraternização.

«O Comércio da Ajuda» felicita o C. F. Belenenses pela passagem do seu aniversario, e agradece a gentilêsa do cartão de convite que recebeu.

Conceição, R. Calhariz, 21, 10\$00; Florencio Gonçalves, T. Moinho Velho, 9, 10\$00; Luiza Pereira, T. Ferrugenta, 16, 10\$00; Laura Augusta Costa, R. Bica, 4, 10\$00; Maria da Conceição Marques, R. Cruzeiro, 41, 10\$00; Maria Helena Pulido, Bêco Xadrez, 1, 10\$00; Maria da Gloria, T. das Florindas, 1, 10\$00; Manuel Francisco, Caramão da Ajuda, 10\$00; Antonio Maria, T. Victorino Freitas, 17, 10\$00; Abel Gomes Loureiro, R. D. Vasco, 26, 10\$00; Barbara Justino, R. Rio Pino, 1,

DE TODO O MUNDO

Compilação de ALEXANDRE SETTAS

As lágrimas são higiénicas

No geral desconhece-se que as lágrimas são benéficas, pelas suas propriedades antisepticas.

A ciência, que em todos os ramos investiga, analisando-lhe recentemente as suas propriedades, chegou á curiosa conclusão de que as lágrimas matam alguns micróbios.

O Dr. Lindhal, de Copenhague, descobriu que, por si só, constituíam um veneno mortal para os bacilos de certos tumores, embora sejam de efeito nulo para as bacterias — provavelmente menos sensíveis — da pneumonia infecciosa.

Bernardin de Saint-Pierre mais uma vez poderia ter afirmado por estas conclusões que a Providencia coloca sempre o remédio junto do mal.

O mesmo sábio investigador, pelas experiências que realizou, ilucida que só se colhem bons resultados quando as lagrimas são empregadas frescas e em estado nativo. Conservadas e resfriadas, ou mesmo aquecidas superficialmente, perdem toda a sua acção terapeutica.

(Do Pêlo-Mête)

Admitindo, pelo apresentado, a excellencia desta descoberta, conclue-se pois, que toda a virtude das lagrimas é portanto uma resultante da sua sinceridade, onde se infere que as lagrimas que vemos desprender dos encantadores olhos das artistas de cinema, não podem ter essas propriedades ainda que tenham muitas outras, pois que para serem fotogénicas são simplesmente lagrimas de glicerina, bem mais falsas do que as de crocodilo, visto que os saurios só as derramam quando são forçados a dispendir certo esforço mandibular, o que de certo lhes agrada pelo beneficio a prestar aos seus ventres.

10\$00; Engracia Gonçalves, R. D. Vasco, 47, 10\$00; Emilia Conceição, R. Quarteis, 76, 10\$00; Fernando Antonio Rocha, R. Bica, 10\$00; Anastacio dos Santos, T. Nova de D. Vasco, 11, 10\$00; Pedro Pavia, R. da Paz, 30, 10\$00; Maria das Virtudes, T. Victorino Ereitas, 10\$00; Luiza de Matos, T. da Ajuda, 10\$00; Henriqueta A. Pinto, T. Paulo Martins, 3, 10\$00; Herminia Gomes, C. Pedro Teixeira, 10\$00; Guilhermina Ross, Rua D. Vasco, 6, 10\$00. Soma, 800\$00.